Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | *severinofrancisco.df@dabr.com.br*

Lei na selva virtual

A todo momento, nós assistimos notícias estarrecedoras de crianças induzidas por pessoas irresponsáveis a fazer desafios idiotas mortais. E também a manipular adolescentes para disputas de violência. Sempre com objetivos monetários. Ante tudo isso, ainda há os que resistem a uma regulação das redes sociais sob o argumento de que seria ferir a liberdade de expressão.

As excelências do Congresso Nacional que posam de defensores dos bons costumes deveriam ser as primeiras a legislar sobre o tema. No entanto, muitas não existiriam sem as mentiras bombardeadas pela internet.

Por que políticos populistas conseguem sustentar, no Brasil e em outros lugares do mundo, uma agenda explícita de destruição das florestas, da educação, da ciência, do sistema de saúde pública, das instituições democráticas e da vida? E, mais do que isso, por que conseguem a servidão voluntária de muitos?

Durante o Brexit, circulou nas redes a informação falsa de que a permanência da Grã-Bretanha na União Europeia "custaria 350 milhões de libras por semana" ao erário e que, se saísse do bloco, o dinheiro poderia ser investido no sistema público de saúde.

Com o apoio dos bilionários americanos Robert e Rebeka Mercer, a campanha concebida por Steve Bannon, um gênio do mal, levou ao desligamento do Reino Unido da União Europeia. Há muita grana envolvida no projeto dos grupos extremistas de direita.

Não quero atulhar o leitor com números, mas alguns são inevitáveis. Segundo pesquisa do Instituto Massachussetts (MIT), uma notícia falsa tem 70% mais de chance de ser compartilhada do que uma verdadeira. É algo estarrecedor.

E outra sondagem do instituto inglês Ipsos Mori, realizada em 2018, em 27 países, aponta que o Brasil é a nação que mais acredita em fake news. A média mundial é de 48%. Quando perguntados sobre a causa, 49% responsabilizaram os políticos. Outros 37% colocam a culpa na "visão torta das pessoas".

Se eu escrevo uma coluna no jornal não posso falar como se estivesse em um boteco, por mais indignado que esteja com um personagem da política ou com uma situação. Além da minha consciência, existem leis que regulam a opinião no espaço público. Sou responsável por minhas palavras.

Enquanto isso, nas redes sociais, os delitos permanecem impunes. Os indivíduos e as corporações precisam ser responsabilizadas pelas mensagens que veiculam, da mesma maneira do que os jornalistas e as empresas de comunicação das mídias tradicionais. Eles já provocaram muitos estragos na democracia e na vida das famílias.

Sem botar a lei na "selva selvagem" das redes sociais, estamos condenados a uma guerra desigual entre o estilingue e o canhão. Estamos condenados a correr sempre atrás para provar que a vacina não faz ninguém se transformar em jacaré, que o voto eletrônico não é fraudulento, que as instituições democráticas não impedem os incompetentes de governar, que a covid-19 não é uma gripezinha e que ameaçar de morte uma autoridade ou que induzir uma criança a uma disputa letal não é liberdade de expressão.

Caberia ao parlamento legislar sobre o tema, mas como ele se omite em relação aos temas essenciais, o STF teve de estabelecer limites para o chamado Marco Civil da Internet, naturalmente sempre provocado por uma ação. O parlamento se omite e depois acusa o STF de ativismo judicial. Não é possível que assistamos crianças morrendo induzidas por mensagens criminosas e não façamos nada, sob a falsa alegação de que se trata de liberdade de expressão.

MOBILIDADE/ Motoristas e pedestres reclamam de problemas como lentidão no trânsito, semáforos desligados, falta de sinalização e de iluminação. Secretaria de Obras diz que trechos da via serão liberados à medida em que as etapas forem concluídas

Obras na Epig geram insegurança

» VITÓRIA TORRES*

Caos no trânsito, alterações no tráfego sem aviso prévio, poeira, semáforos desligados, ausência de sinalização adequada, falta de iluminação, interdições mal planejadas, insegurança para pedestres estão entre os problemas enfrentados por quem passa diariamente pela Estrada Parque Indústrias Gráficas (Epig), do Eixo Monumental ao viaduto do Sudoeste. As obras, que fazem parte da construção do Corredor Eixo Oeste, têm gerado muitos transtornos, especialmente para quem depende da via para trabalhar, estudar ou se locomover por outros motivos. O **Correio** presenciou esses problemas e ouviu motoristas e pedestres.

A estudante Priscila Pereira, 36 anos, afirma que o caos no trânsito tem se intensificado desde o início das obras. "Só tem uma pista para os carros e os ônibus circularem, fazendo com que o trânsito fique mais demorado. A gente demora mais para chegar em casa", relata.

Para ela, os semáforos desativados aumentam ainda mais o risco de acidentes. "Às vezes, também desligam os semáforos e as pessoas não conseguem nem atravessar por conta do fluxo grande de carros, que não param para as pessoas passarem. É perigoso", alerta.

Priscila questiona a necessidade da intervenção. "Sinceramente, achei essas obras desnecessárias. Existem áreas no DF que necessitam muito mais de reformas e direcionamento de recursos. O Sudoeste é uma área nobre, que não precisaria ter essas reformas", avalia.

Pedro Henrique Fontes, 20, tem opinião semelhante. Autônomo, monta diariamente seu carrinho de doces na Epig e critica o que considera ser um desperdício de recursos públicos. "Antes da obra, não tinha trânsito, era tranquilo. As obras que fizeram antes já bastavam", diz. "Estão gastando dinheiro à toa. Em vez de estar construindo mais postos de saúde, ficam gastando dinheiro com pista", completa.

Minervino Júnior/CB

A falta de iluminação e de sinalização, alem de causar confusão, aumenta os riscos de acidentes

Minervino Júnior/CB

Pedestres precisam passar por baixo da tela para chegar ao outro lado da via

Atraso

A qualidade da obra é questionada pela engenheira Júlia Brito, 25. "Há pouco tempo, eles fizeram uma obra e, agora, quebraram tudo para refazer. Está com um controle de qualidade ruim, que gera o atraso. O que me incomoda é ficar mexendo em algo que já estava pronto", comenta. "Também fecharam o retorno para ir ao Eixo Monumental. Não tem nem mesmo um aviso. Ele só parou de existir", lamenta.

Ela também relata a dificuldade para cruzar a via com segurança. "Hoje de manhã, eu estava vindo de carro e, quando eu olhei, havia mais de oito pedestres esperando para atravessar, só que o sinal estava quebrado. Os carros não paravam. Eu parei e coloquei o pisca-alerta para avisar os outros carros", conta.

A saúde da recepcionista Bruna Eduarda Bezerra, 24, tem sofrido. "A poeira está atrapalhando bastante. Eu tenho sinusite e rinite, então, quando eu vou atravessar, fico com alergia. Uma vez, quando eles estavam mexendo, fiquei toda empoeirada porque a poeira estava subindo. Tive que me limpar quando cheguei no trabalho", diz. A jovem também menciona a dificuldade para chegar ao local de trabalho. "Estou me atrasando todos os dias cerca de 15 minutos por conta do trânsito da pista".

Enfrentar a Epig virou uma dor de cabeça para o morador do Sudoeste e engenheiro civil no Departamento da Polícia Federal (DPE) Marllon Fontes, 33. "Está muito difícil o acesso. Atrapalha bastante no dia a dia. O acesso para o Uber também é difícil, a gente tem que sair lá pela outra saída da polícia para conseguir pedir um Uber. Por conta desse enforcamento da pista, que ocorre por causa da própria divisão, aglutina muito o trânsito", reclama.

Vitória Torres/CB

Fica muito arriscado atravessar só mostrando a mão para os carros pararem. Tem gente que precisa entrar no meio da pista para os carros pararem"

Pedro Henrique, *autônomo*

Vitória Torres/CB

Sinceramente, achei essas obras desnecessárias. Existem áreas no DF que necessitam muito mais de reformas e direcionamento de recursos"

Priscila Pereira, *estudante*

Perigo

Os relatos confirmam a análise do pesquisador em mobilidade urbana Carlos Penna Brescianini. Ele afirma que o perigo durante as obras da Epig é visível. "Falta iluminação e uma sinalização adequada, que ajude os motoristas que trafegam por ali", afirmou. O especialista também ressaltou que pedestres e ciclistas não foram levados em consideração.

"A obra está sendo feita em uma área que as pessoas cruzavam a pé, antes do início dos serviços. O ideal seria construir passagens subterrâneas, nos moldes das que existem na Asa Sul, por exemplo, antes de iniciar as obras na via", avalia.

O que diz o GDF

Em nota ao **Correio**, a Secretaria de Obras do Distrito Federal afirmou que todas as intervenções na Epig foram devidamente comunicadas com antecedência à população, por meio de veículos oficiais, como a Agência Brasília e as redes sociais do Governo do Distrito Federal (GDF).

"A segurança de motoristas e pedestres é prioridade absoluta. Por isso, a sinalização implantada ao longo da via está em constante avaliação. Sempre que se verifica a necessidade de ajustes ou reforços, as equipes responsáveis são acionadas de imediato para promover as correções necessárias", declarou a pasta.

Sobre a iluminação, a secretaria informou que "em alguns pontos da obra, houve necessidade de remoção de postes de iluminação pública. Para manter a segurança viária nesses locais, foram instalados refletores provisórios, com o objetivo de garantir visibilidade durante o período noturno".

A nota finaliza destacando que, "à medida em que as etapas da obra vão sendo concluídas, novos trechos da via são liberados ao tráfego, o que contribui para melhorar a fluidez do trânsito e reduzir os impactos causados pela intervenção. A Secretaria segue monitorando de perto o andamento da obra e reforça seu compromisso com a segurança e a transparência em todas as etapas do projeto".

Colaborou Arthur de Souza

***Estagiária sob a supervisão de Malcia Afonso**

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: *cidades.df@dabr.com.br*

Sepultamentos realizados em 09/07/2025

» Campo da Esperança

Benedita Mendes Castro, 97 anos
Carlos Eduardo Roque da Silva, 65 anos
Célia de Fátima Oliveira, 61 anos
Cláudio Jaime David Brito, 66 anos
Dilma Suares de Souza, 49 anos
Edivaldo Ximenes Ferreira, 88 anos
Emídio Caiana de Souza, 102 anos
Eunice Duarte Barbosa, 77 anos
Fabíola Inácio de Araújo, 49 anos
Francisco Pereira de Freitas, 76 anos
Helenir Cândida de Almeida, 61 anos
João Inocêncio do Nascimento, 84 anos
Joaquim Gonçalves Torquato, 68 anos
José Domingos de Ramos Filho, 77 anos
José Maria Freire, 80 anos
José Roque Soares dos Santos, 58 anos
Juvenário Barbosa de Aguiar Neto, 77 anos
Kaio José Macedo Guimarães, menos de 1 ano
Manoel Marques de Araújo, 47 anos
Quesinha Martins Gomes, 69 anos
Suset Rodrigues de Melo, 93 anos

» Taguatinga

Ademar Lourenço de Meneses, 55 anos
Aldeci Gomes, 44 anos
Arlindo Gertrudes, 82 anos
Deusita Helena Cortes, 69 anos
Isabel Neves de Oliveira, 83 anos
Lídia Almeida de Souza, 41 anos
Lourença Maria da Silva, 82 anos
Manoel Martins de Lima, 59 anos
Margarete Cardoso do Rego, 61 anos
Maria Aparecida de Paula, 87 anos
Maria de Fátima Andrade Costa, 71 anos
Nerisvaldo Brito dos Santos, 61 anos
Orlanda Novais de Brito, 71 anos
Roberto Braga Barreto, 50 anos
Terezinha Neias Rodrigues, 77 anos

» Gama

Francisco da Silva, 84 anos
Leonardo Oliveira Barcelos, 44 anos
Luís Carlos da Silva, 63 anos
Matildes Vieira Soares, 80 anos

» Brazlândia

Rodolfo Francisco da Cunha, 31 anos

» Sobradinho

Iremar Batista Cardoso, 58 anos
Antônio Rodrigues dos Santos Filho, 59 anos
João Alves Silvino, 77 anos
João Luiz da Costa, 84 anos
Maria Aparecida Branco Nogueira, 78 anos
Mateus Silva Braga, menos de 1 ano
Maximino Cardoso Pereira, 60 anos

» Jardim Metropolitano

Livaldina Silva Belchior, 63 anos
Luís Marcelo Delmiro, 50 anos
Camila Silva Ribeiro Nogueira, 41 anos
Jhonathas Domingos Pereira da Silva, 20 anos
Elza Ribeiro Pereira, 91 anos (cremação)
Mirtô Barroso Barbosa Leite, 98 anos (cremação)
Nicolau Tolentino Fróes Lopes, 82 anos (cremação)